

MÚSICA

O festival generoso

Adriano Guedes na tertúlia da Sexta-Feira Santa



Encontro anual da Barranca, à beira do Rio Uruguai, reúne músicos profissionais e amadores em torno de projeto utópico

RENATO MENDONÇA
COM FOTOS DE EMÍLIO PEDROSO

São Borja

Objetivamente, o Festival da Barranca é um encontro anual aberto somente para convidados, vedado a mulheres, que reúne por volta de 300 pessoas em um pesqueiro à beira do Rio Uruguai, a uns 13 quilômetros de São Borja. O festival tem data marcada há 35 anos: arma suas barracas entre a quinta-feira e o sábado da Semana Santa. E tem um diferencial em relação a outros festivais nativos: na noite da sexta-feira, uma comissão julgadora escolhe um tema (que pode ser tanto “Fio-de-bigode” quanto “Martimpescador”) e os barranqueiros têm até a noite seguinte para compor em cima do que foi proposto. O país Barranca possui até moeda própria: cédulas de Manduca são usadas para se adquirir as bebidas, já que as refeições são fornecidas pela organização.

Mas pensar objetivamente a Barranca é como ouvir uma tertúlia sem gaita, como olhar a paisagem e não ver o homem, como cantar e não ter público. É quando se pede ajuda à emoção dos barranqueiros. O cantor e compositor Erlon Péricles, 34 anos, seis Barrancas na bagagem, descreve o festival como uma quase utopia, um campo consagrado onde se pode ser artista e platéia ao mesmo tempo. Yamandú Costa diz que o lugar é um cantinho de sua memória onde sempre pode curar a saudade de seu pai, Algacyr Costa, parada para recarregar as baterias mas também a terra

onde se chora para dentro e para fora. Um destacado servidor público usou o humor:

– Aqui quem toma uns tragos a mais não é a pessoa jurídica, mas a pessoa física.

Itacyr Moraes dos Santos, 67 anos, 20 deles como um dos cozinheiros da Barranca, lembra contendo o choro que lá por 1998 trocou os fogões alimentados a lenha e a tarefa de temperar os carreteiros de charque pelo palco:

– Me convidaram para participar de uma apresentação deles batendo umas tampas de panela. Não vou me esquecer, eram todos homens grandes, que vi crescer, todos agora doutores.

O primeiro impacto da Barranca, especialmente sobre os gaúchos mais urbanos, é a geografia. Quem está acostumado ao ritmo vertical e urgente das grandes cidades tem de se acostumar com a paisagem horizontal de um rio que se move lentamente. O segundo choque chega por meio das palavras, e nem é através das tais empunhas (brincadeiras de duplo sentido correntes em qualquer universo masculino), mas da maneira como se pensa o que falar. O tom é basicamente afetuoso, geralmente ocupado por expressões como “figuraça” e “que tal”, ou por expressões tipicamente barranqueiras como “barbicachear” (verbo que se atribui ao índio impertinente, que não larga do pé do vivente). Mas o mais importante é perceber que mais importante que o sotaque ou o léxico é o jeito: gaúchos não respondem diretamente a uma pergunta, eles respondem contando uma história.

O festival funciona como um palco em tempo real, interativo e 24 horas no ar. A música e a poesia se instalam sob as árvores, ou a partir das tertúlias que se fazem dentro do galpão montado junto ao pesqueiro, que serve para os shows e para as refeições. E uma revelação se faz: o gaúcho não canta apenas milongas, como a lógica competitiva dos festivais nativistas exige: se canta e toca também o chamamé, a valsa, a mi-

longa, o samba, a tirana, a canção, o xote. Na Barranca se juntam o mascote e fenômeno deste ano, o violonista Karai Guedes, de 12 anos, e seu pai, o chamamecero Jorge Guedes, até consagrados como o acordeonista Luiz Carlos Borges, os compositores Airton Pimentel e Mauro Ferreira, o poeta Antonio Augusto Ferreira, o cantores Elton Saldanha e Vinicius Brum, a estrela Yamandú Costa, o internacional Borghettinho e nomes ascendentes do nativismo como Erlon Péricles, Pirisca Grecco, Ângelo Franco e Cristiano Quevedo.

A descoberta final vem geralmente no final da tarde de sábado, para quem passeia entre as mais de 30 barracas que formam a cidade da Barranca. São as horas finais antes da apresentação, o tempo que resta para os músicos darem os últimos retoques nas composições que vão disputar o troféu Apparício Silva Rillo. Parece que as lonas cantam, celebrando a democracia estética à beira do rio, na fronteira com a Argentina, na franja do Brasil. Como explica o professor de educação física Diogo Corrêa, de 58 anos, detrás de seu violão, evitando a chuva que caiu durante todo a sexta-feira:

– Se a nossa composição não for classificada, pouco importa. Ela já está feita. Aqui, na beira do rio, a música e a barranca nos nivelam.

José Bicca, aos 68 anos, líder d’Os Angüeras, grupo que organiza a Barranca, tem uma frase pronta para descrever o tríduo que se passa à beira do Rio Uruguai:

– Aqui se reúnem escritores, historiadores, juizes, músicos e desembargadores, gerais e políticos. Mas sempre aviso que na Barranca não há distinção, nem a tal imunidade parlamentar.

Com suas palavras recendendo a idealismo, experiência e sinceridade, Bicca (*leia entrevista na página 8*) está contando a história de um lugar onde todos são parceiros na tarefa de viver com pouco e criar muito. Que tem como hino, cantando no início e no fim do festival, uma canção simples, ingênua e emocionada de nome *Generoso*.

Data Publicação : 22/04/2006

Caderno :Cultura

Editoria : Segundo Caderno

Ilustração : Foto

Assunto :

Música, Evento Musical, Tradição, Música gaúcha, Festival de Música